

4.

JULHO · 2018

*Ponte de Lima:  
do passado ao presente,  
rumo ao futuro!*



# AS CORRENTES FILOSÓFICAS EM ANTÓNIO FEIJÓ (1859-1917)

## MAIN PHILOSOPHICAL INFLUENCES IN A. FEIJÓ

O seu pendor para as letras e para a poesia, a par da partilha do quadro mental positivista do seu tempo, profundamente coimbrão se pensarmos em Antero, Teófilo Braga ou mesmo Teixeira Bastos, com as influências vivas e vividas pela Geração de 70 ou dos Vencidos da vida, dando braço à progressista Paris e Europa, ajudam a completar o quadro mental em que Feijó se desenvolveu pessoal e profissionalmente, exalando sentimentos próximos dos teorizadores do positivismo, do pessimismo existencial de Schopenhauer e Kierkegaard e mesmo de Nietzsche, roçando o vazio existencial e a falta de sentido para a existência. As conquistas da ciência e a “Morte de Deus” da sociedade moderna dão o mote final para a sua angústia e niilismo, o recurso ao suicídio por vezes e a ausência total de sentido para a vida.

*Feijó's deep tendency to Arts and Poetry as well as the fact of being a supporter of his contemporary philosophical movements- the positivism- his profound connection to the Coimbra group “Antero de Quental, Teófilo Braga on even Teixeira Bastos,” with the strong and intensely felt influences of the “Geração de 70-1870 Generation” and the “Vencidos da vida”, (an intellectual group of writers with a pessimistic way of facing life), also influenced by Paris and the erudite Europe of his time, help us understand the mental circle in which Feijó was shaped both as a human being and a professional. In fact he also demonstrates in his exhaustive work, influences of Schopenhauer and Kierkegaard's pessimism, without forgetting Nietzsche and their theories about the emptiness and lack of sense of human existence. Science conquests and the “death of God” felt in modern society gave him the final motto for his distress and nihilism being sometimes suicide the only way out to the total lack of sense for life.*

GERAÇÃO 70, POSITIVISTA, PESSIMISMO  
EXISTENCIAL, ANGÚSTIA, NIILISMO

1870 GENERATION, POSITIVISM, PESSIMISM,  
EMPTINESS AND LACK OF SENSE

## AGOSTINHO FERNANDES

**E**m jeito de abertura para uma nova abordagem a António Feijó. De há muitos anos venho cultivando e sustentando a tese de que o crisol da Filosofia em Portugal é tanto ou mais fruto de notáveis poetas-filósofos que temos em abundância e génio, em jeito daqueles aedos da Grécia antiga, lado a lado com os mestres pensadores das academias e universidades, não faltando por onde escolher. De Camões a Bocage e a Antero, Junqueiro e Teixeira de Pascoais, de Raúl Brandão, Régio, F. Pessoa e Ruy Belo, por muito que nos enobrecem os insígnis vultos pensantes de João de Santo Tomás e Francisco Ribeiro Sanches, Verney, Silvestre Pinheiro Ferreira, Amato Lusitano, Teófilo Braga, Sampaio Bruno, Joaquim de Carvalho e José Marinho, entre muitos outros, a verdade é que naqueles, se bem estudados e aprofundado o seu corpo de ideias e influências encontramos aí um bom eco para uma notável coincidência de pensamento com o inefável Montaigne que escreveu que... *Toute pensée nést qu'une poésie sophistiquée.*

No caso em apreço, abordagem à vida e obra de António Feijó de que falamos?... De poesia, de filosofia ou, simplesmente, de poesia que gera, decalca e se insere mesmo em escola ou sistema de pensamento?... Nada repugna que se apresente filosofia em verso e mais, uma poética que indicie,

desenvolva e consolide um sólido corpo filosófico de ideias. Recordemos aqui em jeito de homenagem o génio do grande filósofo de Estagira. Guerra Junqueiro não é considerado filósofo “porque não escreveu livros de filosofia” diz Álvaro Ribeiro e, no entanto, todo o seu pensamento, mesmo o que se exprime em poesia, tende a organizar-se numa gnose filosófica que Leonardo Coimbra designou por “panteísmo evolucionista”. E com alguma facilidade poderíamos referir muitos mais, de outros tempos e escolas, não tivesse a língua portuguesa que falamos nascido por entre os pinheirais gementes das cantigas de amigo, de escárnio e mal-dizer.

**Mergulhemos então no ilustre poeta limiano desta terra secular e carregada de história, farta e briosa como poucas, que artistas e cultores das artes mais variadas ela tem e conta desde o grande Bernardes e o seu canto do rio Lima até Fr. Agostinho da Cruz e, mais recentemente, a grande figura histórica de militar e soldado, Norton de Matos, ilustre candidato à Presidência da República na minha já longínqua meninice, experimentado e providencial mas que o homem que caiu da cadeira não quis ouvir como mais tarde Venâncio Deslandes e outros, pagando eles e Portugal inteiro, alto preço pelo ensimesmamento doentio, mórbido e autocrático do fantasma de Santa Comba Dão...enfim, outras histórias que não para hoje. Inscrito na diversidade conjuntu-**

ral do contexto referido António Feijó foi moldando o seu percurso individual na sequência dos ritmos do seu tempo e do mundo, depois de chegar a Coimbra, em plena Regeneração (1851-1890) e em que o regime liberal e a monarquia constitucional tinham alcançado a maturidade enquanto diariamente chegavam notícias em cadeia do exterior. Recorde-se tão só a instalação da 3ª república francesa, a Comuna de Paris e a república espanhola, uns tantos anos antes da portuguesa. Pouco depois matam o rei D. Carlos e em Espanha o rei D. Afonso XIII vai para o exílio.

O séc. XIX mostrou-se particularmente rico no capítulo da epistolografia. Dos românticos liberais, passando pela segunda geração romântica, até aos espíritos que pululavam em torno da influente *Geração de 70* e do Portugal finissecular, muitos foram os escritores e intelectuais que se distinguiram neste campo, com destaque para Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Antero de Quental, Eça de Queirós, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Teófilo Braga, Fialho de Almeida, Trindade Coelho, entre tantos outros. Neste contexto, convém recordar que o epistolário de António Feijó é muito rico e apenas parcialmente editado. As razões para uma e outras constatações são conhecidas: os homens cultos de oitocentos, como de épocas anteriores, correspondiam-se imenso por escrito, sendo a arte epistolar um atributo

indispensável da vida social e da civilidade.

Por isso, não admira que uma figura como António Feijó se tenha correspondido com imensos contemporâneos, do mundo da literatura, da cultura e da política. Além do mais, a circunstância de ser diplomata fora de Portugal - primeiro no Brasil, e depois na Suécia - contribuiu decisivamente para a necessidade de uma relação epistolográfica assídua ao longo de toda a vida. Para termos uma pequena ideia do peso da correspondência, basta lembrar que intelectuais e escritores desta época escreviam e recebiam várias cartas por dia.

Ao longo de três décadas, Vicente Pinheiro Lobo Machado de Melo e Almada, 2º Visconde de Pindela (1853-1922), e António Joaquim de Castro Feijó (1859-1917), poeta e diplomata natural de Ponte de Lima, corresponderam-se com relativa assiduidade. Ao círculo de estreita amizade do poeta limiano pertenciam também, entre outros, Bernardo Pinheiro Correia de Melo, 1º Conde de Arnoso, irmão mais novo do Visconde de Pindela; e sobretudo o Conselheiro Luís Cipriano de Magalhães, amigo íntimo de Feijó, filho do famoso tribuno liberal José Estevão. Aliás, nas suas frequentes viagens a Portugal, Feijó era visita de Pindela (V. N. de Famalicão) e da Quinta do Mosteiro /Moreira da Maia), de Luís de Magalhães, além de Ponte de Lima e da Casa de Vilar (Lousada), do irmão Júlio Feijó.

Este interessante diálogo episto-

lar desenrola-se a par das sucessivas colocações diplomáticas dos intervenientes. Feijó inicia a sua carreira em legações do Brasil, estabilizando logo depois na Suécia (Estocolmo); Pindela começa na legação de Haia (Holanda) e também permanece demoradamente na Alemanha (Berlim). Ao longo desse tempo, a partir das respetivas legações ou em viagens diversas, às vezes com consideráveis intervalos temporais, ambos vão falando da sua vida familiar e profissional, analisando à distância a vida político-cultural do nosso país, sem esquecer uma visão crítica da política internacional do tempo.

Em todo o caso, o epistolário de Feijó continua longe da edição integral, se é que algum dia ela se concretizará. Convém assinalar ainda que este conjunto de cartas do poeta e diplomata limiano vem na sequência de um apreciável conjunto epistolar já antes publicado. Com efeito, antes da presente publicação, já conhecíamos um conjunto apreciável de cartas de António Feijó - primeiro, pela mão dedicada de Francisco Teixeira de Queirós (1961), em *Cartas íntimas de António Feijó* e em *Cartas do Poeta António Feijó a João de Abreu e Lima*, depois, com edição organizada pelo devotado Rui Feijó, em 2 vols., (IN-CM, 2004); para além de outros conjuntos menores, dados a conhecer em publicações periódicas, por vários estudiosos.

Mais espectadores do que atores de primeiro plano da cena polí-

tica, estes atentos analistas têm, no entanto, plena consciência das suas limitações, como confessado pela voz de Pindela: “Da situação do País... esperemos os acontecimentos. Nós, de cá de fora, não lhe damos remédio”. E, no entanto, os destinos da amada pátria portuguesa constituem para os dois interlocutores o tema verdadeiramente obsidiante.

Confirma-se uma vez mais o amor de Feijó à terra limiana, confessando ao amigo Pindela o desejo de trocar a vida política pelo “refocilar nas veigas... do meu Minho, a ler poetas e a sonhar filosofias”. A sensibilidade do poeta e a atração pelas raízes minhotas suplantavam a capacidade e os projetos do homem político. Aliás, ambos reiteram a sua atração pelo “nosso doce e quente Minho.

Patenteia-se, assim, a expressiva manifestação do sofrimento que estes dois amigos vão partilhando ao longo das suas missivas. E talvez seja essa cor- a dos padecimentos- a que melhor retrata a época em que viveram Vicente Pinheiro Lobo Machado de Melo e Almada, o 2º Visconde de Pindela, e António Joaquim de Castro Feijó, o consagrado poeta limiano do *Cancioneiro Chinês*, das *Bailatas* e do *Sol de Inverno*.

Seja como for, entre Pindela, em V. N. de Famalicão, e a Quinta do Mosteiro, de Luís de Magalhães, em Moreira da Maia, entre esses dois acolhedores poetas, sempre encontrou António Feijó o apoio, a compreensão e a solidariedade que lhe temperavam meses e meses de

frio em Estocolmo, onde desempenhou o cargo de Cônsul-geral, com o entusiasmo do regresso e um abraço, uma longuíssima cavaqueira de toda a noite entre amigos.” (in *Minhotos, diplomatas e amigos*, a correspondência (1886-1916) entre o 2º visconde de Pindela e António Feijó, de João Afonso Machado, 2007, DG edições)

### *Os primeiros anos*

Esta geração de Coimbra, de 1870 a 1875, marca uma das páginas mais rutilantes. Por cá passaram Manuel d'Arriaga, Teixeira de Queirós, Alves da Veiga, Magalhães Lima enquanto Teófilo Braga faz provas para lente de Direito. Na história de Coimbra é uma geração admirável de poetas e artistas sob a figura quase sagrada de Antero. Também são da mesma legião homens como Hintze Ribeiro, João Franco, Vilhena e outros nomes de triste memória. A República Portuguesa era então o Jornal dos Republicanos de Coimbra. A bem dizer, Portugal teve duas grandes épocas memoráveis: Fernandes Tomás que foi a primeira expressão de liberdade em 1820 juntamente com Passos Manuel, Joaquim António de Aguiar e em Coimbra, Antero e Teófilo, Magalhães Lima e Junqueiro, Arriaga e Alves da Veiga lideram os mesmos caminhos não se deixando intimidar por investidas e atropelos dos monárquicos e reacionários de então. Com os impactos da Comuna de Paris e seus mentores como Michelet, V. Hugo e Proudhon e da

instalação da República em Espanha que conduzirá ao exílio do rei Afonso XIII, não é para admirar que dessas heroicas e lúcidas gerações saísse a República Portuguesa. Magalhães Lima é o fio condutor destes revolucionários e afastava-se do grupo de Hintze Ribeiro, Lopo Vaz, António Cândido, João Franco e outros que, um pouco mais tarde, ocupariam altos cargos na política monárquica. No domínio político a Regeneração (1851-1890) corresponde a um período em que o regime liberal e a monarquia constitucional havia alcançado a maturidade, o que queria dizer, em termos práticos, “um máximo de liberdade para um pequeno grupo, um estado de equilíbrio entre as várias classes e os grupos sociais e uma inteligente manipulação da máquina política”, segundo Oliveira Marques.

Parnasiano na esteira de T.Gauthier, T. de Baunville e Leconte de Lisle e como Júlio Brandão e Gonçalves Crespo, seu colega em Coimbra concilia a estética parnasiana com a lírica mais estóica e esotérica em Portugal mas não cede nunca aos eflúvios românticos do verso solto ou livre mas prefere sempre os cânones apertados da medida positiva, na esteira de Júlio Brandão e outros inveterados parnasianos, sempre fiéis aos cânones de Delfos.

### **1.** *Formação Intelectual*

Nascido em Ponte de Lima no dia 1 de junho de 1859 de José Agos-

“

*(...) no seu percurso biográfico, é necessário ter em conta o desenvolvimento intelectual de António Feijó pois o tempo desse desenvolvimento, em qualquer indivíduo, é um período em que a mente recebe, muitas vezes, sem as julgar nem assimilar devidamente, as mais diversas e variadas influências, que ficarão com maior ou menor consciência no indivíduo, a nortear ou desnortear-lhe a existência.*

”

[1] CONFERIR A CERTIDÃO DE NASCIMENTO QUE VEM JUNTAR O DESACERTO NA DATA DO SEU NASCIMENTO, EM VÁRIOS AUTORES, INCLUSIVE EM ANTÔNIO JOSÉ SARAIVA E ÓSCAR LOPES NA *HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA*, 8ª ED., 1975, P. 1021, ONDE DIZEM QUE NASCEU EM 1862; O MESMO DIZ JOÃO GASPAR SIMÕES NA *HISTÓRIA DA POESIA PORTUGUESA DO SÉC. XX*, PP. 49-53. CONFERIR F. TEIXEIRA DE QUEIROZ A. *FEIJÓ E OS POETAS CONTEMPORÂNEOS DA RIBEIRA LIMA*, COIMBRA, BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE, 1936, P. 9. CONFERIR RUY FEIJÓ, *FAMÍLIA FEIJÓ E SUAS LIGAÇÕES* (MANUSCRITO) 1916, P. 41.

[2] CONFERIR F. TEIXEIRA DE QUEIROZ, *EGREGII POETAE PIE MANIBUS* (CONFERÊNCIA), PONTE DE LIMA, 1959, PP. 5-13.

[3] CONFERIR A. FEIJÓ, CARTA DATADA EM STOCKOLMO 11/3/1912 E DIRIGIDA A "MEU CARO JOÃO GOMES", IN *LIMIANA: REVISTA LITERÁRIA PONTELIMENSE*, Nº 1, JULHO DE 1912, PP. 24-25. N.B. HAECKEL, FILÓSOFO ALEMÃO, OCUPOU A CADEIRA DE ANATOMIA E ZOOLOGIA EM 1865, NA UNIVERSIDADE DE IÉNA ATÉ 1908. FOI PROFUNDAMENTE MARCADO, NO INÍCIO DA SUA CARREIRA, PELO ENCONTRO QUE TEVE COM DARWIN (1866), CUJA TEORIA DEFENDEU APAIXONADAMENTE.

tinho Castro Correia Feijó e de Joana de Nascimento Malheiro Sampaio<sup>[1]</sup> “numa família de austeros costumes minhotos”, António Feijó passou a primeira parte da sua vida na própria terra natal, Ponte de Lima. Nesta pequenina e carregada de história vila do Norte, que entre tantas se distinguia pelo “mais elevado nível mental da sua população”, “a vida social era naquele tempo predominante e formalmente religiosa”. Frequenta os estudos liceais em Braga por inexistência em Viana do Castelo. Mas é indispensável atender-se, desde já, à influência que o poeta haverá, já então, recebido das “ideias racionalistas, que, na sua terra, tinham um grupo ruidoso de convictos, chefiado pelo célebre médico local, Dr. António Inácio Pereira de Freitas”.<sup>[2]</sup>

Antes de mais no seu percurso biográfico, é necessário ter em conta o desenvolvimento intelectual de António Feijó pois o tempo desse desenvolvimento, em qualquer indivíduo, é um período em que a mente recebe, muitas vezes, sem as julgar nem assimilar devidamente, as mais diversas e variadas influências, que ficarão com maior ou menor consciência no indivíduo, a nortear ou desnortear-lhe a existência.

É de crer mesmo que tal influência tenha sido bastante profunda visto que A. Feijó tinha grande admiração pelo Dr. Freitas, a quem se refere neste passo da história dos Carecas de Ponte de Lima: “Mais tarde, reatei as minhas relações com o Freitas – prova de que as

ofensas mútuas não eram de natureza irreductível. E consola-me dizer-lhe que tive nisso a mais viva satisfação. O convívio desse homem distinto fazia-me falta. Era um regalo espiritual ouvi-lo dissertar sobre o último livro, expor a última novidade científica, em verdadeiras preleções que ele fazia às noites, na Assembleia, com uma tal clareza, com uma tal precisão e elegância de palavra, que conseguia interessar – verdadeiro milagre! – todo um auditório de leigos de que nós dois, lembra-se? Tantas vezes fizemos parte. A sua autoridade era tal, nesses momentos, que só o Fiúza se atrevia a falar-lhe de cadeira (...). Como isto vai longe!

Foi ao Freitas, numa dessas palestras, que eu ouvi, pela primeira vez, falar em Haeckel, cujos livros tanta voga tiveram depois em Coimbra, entre rapazes que, fora dos domínios da Sebenta, procuravam educar o seu espírito. Quem me diria a mim, nesses momentos, que, passados longos anos, os acasos da vida me fariam conhecer, pessoalmente, o célebre professor da Universidade de IENA (...) Mas o Freitas não era homem que se deixasse esmagar no desmoronamento das suas velhas teorias, e a esta hora estaria ele, no mesmo canto da Assembleia, ao crepitar do mesmo fogo, com o mesmo ardor e o mesmo entusiasmo, a fazer apoteose do Pragmatismo ou do Evolucionismo de Bergson...”<sup>[3]</sup>

Mas o passo mais importante e decisivo, em toda a carreira inte-

lectual de A. Feijó, foi, sem dúvida, quando em 1877 iniciou o curso universitário em Coimbra. Esta data depreende-se do prefácio ao Sol de Inverno, onde Luís Magalhães diz que foi “*seu velho companheiro e camarada, a ele ligado, desde os dezoito anos, pela mais fraterna amizade...*”;<sup>[4]</sup> pois, se nasceu em 1859 + 18 = 1877. Noutra passagem do mesmo prefácio diz claramente que entrou na Universidade em “*Outubro de 1877*”.<sup>[5]</sup>

Coimbra era, como hoje, um centro cultural particularmente sensível aos movimentos literários, científicos e filosóficos do tempo e do estrangeiro. Por outro lado, os homens de letras que viviam à volta de 1860 são dignos de memória. Era Herculano que reconstruiu a história pátria e o romance histórico como Garrett o cancionista popular e o teatro; era Castilho que acolheu famosos autores clássicos desde Anacreonte e Ovídio como o genial Camilo com a novela de costumes, a comédia humana dos portugueses como Balzac o fizera em relação ao seu país; era Rebelo da Silva como o grande tribuno e parlamentar Rodrigues Sampaio, para além de Inocêncio da Silva, Andrade Corvo, Mendes Leal, Bulhão Pato e João de Lemos, Alberto Sampaio, Teixeira de Vasconcelos e Júlio César Machado, amigo próximo de Camilo e Ana Plácido, sem esquecer ainda que no Parnaso académico do Mondego havia despontado um poeta algarvio, leve como as borboletas, delicado como as flores,

belo de suavidade e ternura: João de Deus.

Já antes de A. Feijó ter chegado a Coimbra, na geração de 1865, se evidenciaram os poetas – filósofos Antero e Teófilo, espíritos abertos ao pensamento moderno de além-fronteiras e, por isso mesmo, em guerra acesa contra a velha escola romântica: “*une période très agitée de la vie littéraire au Portugal...*”<sup>[6]</sup> Esta abertura, verificar-se-á, como rescaldo de novas esperanças ecléticas, na camada estudantil que se seguiu à da Questão Coimbrã de 1865. Basta recordar o grupo d’A Folha (1868 – 74), dirigida por João Penha,<sup>[7]</sup> que, devotado ao culto da forma e começando por ser predominantemente romântico, não tardou a dar explícito acolhimento aos modernos ideais estrangeiros.<sup>[8]</sup>

Logo na primeira página da segunda série da revista, em 1870, João Penha chama a si mesmo e ao grupo “filhos ardentes das modernas Teorias”.<sup>[9]</sup>

No ano seguinte, vê-se também publicado na Folha um poema de Cândido de Figueiredo, intitulado “*Progredior*”, Hino de exaltação às artes, à ciência, à razão, à liberdade, à “força de vapor”, à eletricidade – ao progresso, numa palavra.

*“Não pude inda parar! Chamam-me d’além  
As luzes da ciência, e resplendor das  
artes!*

*Raiavam nesses soes! – o génio de  
Descartes*

*Pôde abarcar a Terra, e a Terra iluminou!  
Kepler, olhando o céu, a órbita marcou*

[4] A. FEIJÓ, *POESIAS COMPLETAS*, LIVRARIA BERTRAND, LISBOA, 1922, P. 298.

[5] A. FEIJÓ, *OB. CIT.*, P. 301.

[6] PIERRE HOUCARDE, *LA SECONDE GÉNÉRATION DE COIMBRA ET LA REVUE “A FOLHA”; IN BULLETIN DES ÉTUDES PORTUGUAISES*, I, (1931), P. 186.

[7] ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA E ÓSCAR LOPES, *HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA*, *OB. CIT.*, PP. 808-1022.

[8] P. HOUCARDE, *OB. CIT.*, PP. 174-186.

[9] JOÃO PENHA, *IN A FOLHA*, II, (1870), *PRÉAMBULO*, P.1. “A FOLHA” PUBLICOU-SE, EM COIMBRA, ENTRE DEZEMBRO DE 1868 E ABRIL DE 1873, COMO RÉPLICA DE “LA PARNASSE”, QUE VIRIA A ESTABELECEER O PARNASIANISMO COMO NOVA ESCOLA ESTÉTICA-LITERÁRIA. N.B. GOSTARÍAMOS DE ACRESCENTAR, AQUI, JÁ QUE ENTÃO OMITIMOS O SEQUINTE “IREMOS ALÉM DO LARGO ESPAÇO, ONDE SE CRUZAM OS 4 VENTOS DO CÉU, EM PROCURA DA VERDADE... O NOSSO RIR SERÁ FRANCO E ABERTO”.

Ao mundo que gravita em volta de  
outro mundo!  
E Haeckel, devassando o céu azul,  
profundo!  
Em pós de ignoto Deus, seguiu com  
passo igual  
Newton e Galileu, Copérnico e Pascal!  
Dilatava-se a ciência, ao arraiar da  
imprensa!  
O espírito remonta à liberdade, e pensa!  
E à voz de Gutemberg, os astros do  
saber  
Nos céus da imprensa vêm, mais vivos,  
resplender!  
Vi renascer a indústria! A velha  
auctoridade  
Tinha cedido o passo à jovem  
liberdade!...”  
(.....)  
Rousseau e Montesquieu, que já no pé  
dormiam,  
Na sua obra gigante, em sonhos, se  
reviam...  
(.....)  
De Fulton e de Wattt e improbo labor  
Rouba às feras do mundo as forças do  
vapor!  
Rasga a electricidade e vastidão do  
espaço,  
À ideia, ao pensamento accelerando o  
paço!  
E em torno do pedestal do século da luz  
Flores de eterno Abril o céu derrama a  
flux!  
Hei-de ver mais ainda! – os braços do  
progresso...”<sup>[101]</sup>

Era esta a Coimbra onde Feijó chegou no Outono de 1877. Da sua permanência aí, falam os contemporâneos. Para Luís de Magalhães, conforme já se referiu, companheiro e amigo íntimo do poeta, os anos

passados em Coimbra pelos grupos de universitários a que Feijó pertencia constituíam “*todo um lustro de intensa vida mental, de tremendas controvérsias de ideias, de êxtases poéticos, de sonhos de juventude, de esperanças, de quimeras*”.<sup>[111]</sup>

Trindade Coelho diz que Feijó “era um poeta a valer, e um grande boémio dentro dum dandy desafectado”.<sup>[12]</sup>

Quanto à mocidade portuguesa do tempo de Feijó diz que ao grupo de Feijó pertenciam literatos como Luís de Magalhães, Rodrigues Braga, Carlos Lobo d’Avila, Queiroz Ribeiro, Alfredo Paçô Vieira, Pedro Gaivão, Eduardo de Araújo e Manuel Gaio. Formavam o grupo dos “*janotas ou polainudos*” que se davam “*ares de vida à parte*”, embirrando com a academia cuja plebe, por sua vez, também com eles embirrava, e tinham o seu “*Quartel-General*” ou “*Olimpo literário*” no café Lusitano, onde “*se riçavam até desoras à roda das mesas de mármore, beberricando e falando*”.<sup>[13]</sup>

No que diz respeito às preferências ideológicas do grupo, diz-nos que os “*sábios*” do Lusitano, eram positivistas, e deixa-nos adivinhar a influência poderosa que neles terá exercido o lente Manuel Emídio Garcia, “*patriarca do positivismo*”, que na aula de Direito Administrativo “*ensinava tudo menos o Código*”. “*Quando eu fui para Coimbra, e até no meu segundo ano, este Garcia era o ídolo da Academia! Regia no 38 ano Direito Administrativo; mas como*

[101] CÂNDIDO DE FIGUEIREDO, IN *A FOLHA*, III, P. 10

[111] LUÍS DE MAGALHÃES, PREF. AO “SOL DE INVERNO”, IN *POESIAS COMPLETAS*, P. 301.

[12] TRINDADE COELHO, IN *ILLO TEMPORE*, (ESTUDANTES, LETRAS E FUTRICAS) LIVR. AILLAUD & C., PARIS-LISBOA, 1902, P. 103, NOTA.

[13] T. COELHO, OB. CIT., PP. 147-149, 269, 334.

ninguém lhe estudava palavra, e se lhe ia o ano com o positivismo de Littré e de Augusto Comte, e dava muitos feriados (...) era um ídolo”.<sup>[14]</sup>

F. Teixeira de Queiroz diz que o conteúdo das “*Transfigurações*” é a “*primeira tentativa de poema filosófico*” e que “*ao chegar a Coimbra encontra o Positivismo em plena euforia triunfante, com M. Emídio Garcia*”, embora os estudantes cantarolassem:

*Deixemos que o Kant cante  
Deixemos que o Comte conte...*

*o que é certo é que a maior parte se preocupava com os mais angustiantes problemas de sempre. Feijó não foi exceção*”.<sup>[15]</sup>

Sem dúvida que esta tertúlia de A. Feijó tinha preocupações peculiares e consciência de prosseguir no caminho aberto pela geração coimbrã de 1865 e pela d’A Folha (1868 – 1874). Isto é-nos confirmado pela Introdução da Revista Científica e Literária, publicada pelo referido grupo e dirigida por A. Feijó e Luís de Magalhães, “*onde colaborou um lente, o Garcia, patriarca do positivismo*”.<sup>[16]</sup>

Mais: encontra-se, em Pinheiro Chagas na página 303, um soneto, onde mostra admiração pelo positivismo e, segundo diz Luís de Magalhães, foram os “*primeiros versos que dele tinha lido*”. Pouco mais adiante, diz que pertenceu à “*geração que celebrou, entre as magníficas festas literárias e artísticas, o Centenário de Camões. Foi a geração que veio a exercer*

*a sua influência na vida nacional na passagem do séc. XIX para o séc. XX*”. ... Foi “*uma geração que começou (...) a ver com senso crítico os problemas filosóficos...*” (Pinheiro Chagas pp.305-306)

## 2. *Pessimismo de A. Feijó*

Depois da leitura das palavras de A. Feijó – “*sob a influência de diversas crenças filosóficas, desde o pessimismo de Schopenhauer e Leopardi, o grande poeta da Infelicidade*” –<sup>[17]</sup> ocorre perguntar até que ponto haverá ele experimentado o sofrimento?

É certo que viveu horas de alegria. Basta recordar o “*trunfo*” obtido em Coimbra, no ano de 1880,<sup>[18]</sup> no sarau comemorativo do 3º Centenário de Camões (embora celebrado pela primeira vez) de que ele próprio se regozija numa carta escrita a seu irmão José: “*Como sabes as festas correram esplendidamente; no sarau obtive uma extraordinária ovação. O Pinheiro Chagas interrompia-me constantemente. Uma grande parte da plateia estava de pé. O Dr. Augusto Rocha, no meio do entusiasmo, bradou para uns lentes de Direito que lhe ficavam ao pé:*

*- E foi aquele rapaz que Você reprovaram miseravelmente no primeiro ano!...*”

“*Esqueci-me de te contar que, na despedida do Pinheiro Chagas,*

[14] T. COELHO, OB. CIT., 150-151, 152, 357-358.

ÁLVARO RIBEIRO, OS POSITIVISTAS, LIVRARIA POPULAR DE FRANCISCO FRANCO, LISBOA, 1951, PP.49, 84-86, 112.

[15] F. TEIXEIRA DE QUEIROZ, OB. CIT., PP. 12-13.

[16] T. COELHO, OB. CIT. P. 152.

[17] A. FEIJÓ, OB. CIT. P. 11.

[18] FRANCISCO XAVIER ESTEVES, ÁLBUM LITERÁRIO (TERCEIRO CENTENÁRIO DE CAMÕES), TIPOGRAFIA OCCIDENTAL, PORTO, 10/6/1880. N.B. ESTA É UMA PUBLICAÇÃO EM HOMENAGEM A LUÍS DE CAMÕES COM A REFERIDA DATA.

[19] F. TEIXEIRA DE QUEIROZ, OB. CIT. P. 14. F. TEIXEIRA DE QUEIROZ, CARTAS ÍNTIMAS DE ANTÓNIO FEIJÓ, SEPARATA DE O INSTITUTO, VOL. 123, TIP. DA COIMBRA EDITORA LIMITADA, COIMBRA, (1961), PP. 4-6.

[20] F. TEIXEIRA DE QUEIROZ, OB. CIT., P. 24.

[21] F. TEIXEIRA DE QUEIROZ, OB. CIT., P. 241.

[22] A. FEIJÓ, OB. CIT. PP. 112-113.

[23] JÚLIO DE LEMOS, CARTA A MIGUEL DE LEMOS, IN ESTUDOS PARA OS ANAIS MUNICIPAIS DE PONTE DO LIMA, DE MANUEL ROQUE DOS REIS LEMOS, VIANA DO CASTELO, 1938, P. 214. N.B. NESTA MESMA OBRA, P. 212, EM NOTA, DIZ: “ESTA CARTA FOI PUBLICADA NO ARQUIVO LITERÁRIO, DE DELFIM GUIMARÃES, TOMO XV, JULHO-DEZEMBRO DE 1927, PP. 197-202, E TRANSCRITA POR ‘AURORA DE LIMA’ E OUTROS JORNAIS”.

••

*Mas, não há dúvida que, para além de muitos outros momentos como estes de muita alegria, uma visão conjunta ao balanço biográfico leva-nos a concluir que, em Feijó, a dor atingiu proporções que sobrelevam as de grande parte dos mortais.*

••

que foi acompanhado pela Academia e por todas as notabilidades cá da terra, quando subia para o comboio levantou um viva “ao ilustre poeta António Feijó” único rapaz a quem especializou”.<sup>[19]</sup>

Teve também muitas apreciáveis relações de amizade: “Afinal de contas as cantigas que tenho escrito não são completamente inúteis praticamente. Evidentemente é a elas que devo a consideração que toda esta gente me dá. Até o Bispo de Betsaida me convidou para ir jantar com ele ao Hotel Bragança. Abençoadas trevas”.<sup>[20]</sup>

Noutra carta, datada em Estocolmo de 5/6/1902, escrita a um antigo amigo, Manuel Gaio, pertencente ao grupo de Feijó dizia que considerava a vida matrimonial “felicidade legítima...” e “a mais duradoira de todas”.<sup>[21]</sup>

Mas, não há dúvida que, para além de muitos outros momentos como estes de muita alegria, uma visão conjunta ao balanço biográfico leva-nos a concluir que, em Feijó, a dor atingiu proporções que sobrelevam as de grande parte dos mortais. Na poesia “*In amaritudine*”, encontram-se ecos de mágoa profunda pela morte de sua mãe, quando ainda era estudante em Coimbra (19/4/1880).<sup>[22]</sup>

A reprovação no 1º ano do curso universitário e, sobretudo, várias doenças gravíssimas que envolvem o poeta num desespero que lhe vai dando a ideia negra do suicídio: “Lembro-me de Feijó ter estado em Viana em 1892, hóspede de seu irmão, o Dr. José Feijó, caudatário de largo e justo renome.

Nessa ocasião, visitava-o meu avô diariamente, fazendo-lhe demorada companhia, e eu ia amiúde com ele. O poeta estava cego, devido a doença sífilítica e, supondo-se mergulhado em trevas irremediáveis, afagava a ideia do suicídio. Miguel de Lemos e outros amigos procuravam distraí-lo, em práticas cintilantes e joviais ou lendo-lhe as obras que de toda a parte o correio lhe trazia. Nunca me esqueci que fui eu quem lhe deu “O Livro de Aglais de Júlio Brandão e mais coisas, cujos títulos se deliram da minha memória”.<sup>[23]</sup>

As penosas saudades da Pátria longínqua; a doença e a morte da esposa adorada; a viuvez; e a avolumar tudo isto e impressionabilidade e as preocupações dum verdadeiro temperamento artístico, tão bem delineado neste passo duma carta escrita do Brasil: “... e meu horror, quase ódio (pela jurisprudência), provém dum singular feitio do meu espírito. Foi para conservar um certo jeito artístico com que a Natureza me dotou (...) que me sujeitei a andar por aí tanto tempo sofrendo privações e desventuras, dobrando até, muitas vezes, o meu orgulho, foi para não matar completamente em mim, com a aridez dos autos, a impressionabilidade especial do meu temperamento, que sendo a minha constante tortura, é ao mesmo tempo a causa das minhas vivas e mais duradoiras alegrias. Infelizmente, meu pai, a quem tanto estimo e venero, não compreendia estas coisas, e tomava

como preguiça e desleixo, o que era apenas uma fatalidade orgânica. Nem toda a gente avalia o que é o tormento da imaginação que nunca repousa; e ninguém calcula e que eu trabalhei por aí, mesmo no meio daquela despreocupação que eu afectava. Quantas vezes chorei de raiva e de impotência quando desesperava de encontrar forma justa e verdadeira para as ideias que tinha na mente! Ninguém acredita, mas isto ainda agora me acontece com frequência. Explicando assim o meu horror pelas Leis e pelos Códigos...”<sup>[24]</sup>

Ora, creio bem, poder concluir-se, desde já, que toda esta linguagem é positivista, nomeadamente quando se refere à expressão: “... fatalidade orgânica” e que podemos já futurar, através de toda esta compleição físico-psíquica do jovem e das realidades circunstanciais que lhe entrecortaram a existência, quão predisposto estava para se deixar facilmente contagiar de um certo pessimismo de sabor positivista.

De facto, em 1878, Feijó, no verdor dos seus dezanove anos, parece imitar Baudelaire. Pois, ao título da poesia – Contemplações – seguem-se versos de melancolia de Baudelaire:

*“Le coeur content, je suis monté sur la montagne  
D’où l’on peut contempler la ville en son ampleur,  
Hôpital, lupanars, purgatories, enfer, bagne,  
Où toute énormité fleurit comme une fleur”.*<sup>[25]</sup>

O facto de as ideias se apresentarem aí sugestivamente materializadas, na sua roupagem sensorial, deve ter contribuído para que delas se compenetrasse um jovem tão dotado de fina sensibilidade e ainda tão pouco familiarizado com longas teorizações doutrinárias como era A. Feijó em 1878.

Tanto na poesia “*Contemplações*” como na “*Morte do Ideal*”, também do mesmo ano, se encontram alusões ao tédio, às tristezas da vida, à “*gravitação contínua para a morte*”, à queda dos antigos ideais e ao culto dos vícios... Estas duas composições refletem uma visão da vida e do mundo semelhante à que ressuma de “*Les fleurs du mal*” e “*Une charogne*” de Charles Baudelaire. Onde se vê que Feijó “*desperta muito cedo no meio...*”<sup>[26]</sup>

Isto não é apenas estilização retórica; visto que a sinceridade substancial do seu pessimismo, confirmada pela experiência dolorosa... é-nos também garantida pela sua correspondência íntima; “*posto que verzejador olhe até bem tristemente para a vida*”.<sup>[27]</sup>

Numa ou noutra composição das “*Novas Bailadas*” que, por sua vez, no pensamento do próprio autor, não passam de “*facécias*” doloridas:

*“Sorrisos em que a dor vem nos lábios florir!  
É tão cruel, tão dolorida!  
Esta desproporção entre a Verdade e o Sonho,  
O Pensamento e a Vida,  
Que à luz desse contraste os meus versos componho,*

[24] F. TEIXEIRA DE QUEIROZ, OB. CIT., P. 99.

[25] A. FEIJÓ, OB. CIT., P. 13.

[26] ANTÓNIO FERREIRA, UM PASSEIO CULTURAL NA OBRA DE ANTÓNIO FEIJÓ, EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE PONTE DO LIMA, TIPOGRAFIA DA LIV. SIMÕES LOPES, PORTO, 1959, PP. 21-22, NOTA.

[27] F. TEIXEIRA DE QUEIROZ, OB. CIT., P. 3.

*Com a resignação de quem em mim se elaboram*

*Facécias de jogral com sorrisos que choram!*<sup>[28]</sup>

Quanto à influência de Leopardi, já citamos quando nos referimos ao prefácio das “*Transfigurações*”. Além disso, há uma frase desse poeta italiano, anteposta por Feijó na poesia “*Contemplanções*”: “*Perchè venimmo a si per-versi tempi?*”<sup>[29]</sup>

Quanto a Schopenhauer, apesar de confessar as suas influências no prefácio das “*Transfigurações*”, cita-o logo após o título da poesia “*A Morte do Ideal*” (1878).<sup>[30]</sup>

É, pelo menos, provável que, ao escrevê-la, Feijó já conhecesse o pessimismo alemão; visto que data de 1875 a 1ª série dos “*Ensayos Sobre El Movimiento Intelectual en Alemania*” de José del Perojo, das quais Feijó possuiu um exemplar e cujo cap. III (75 – 106) trata, precisamente, de Schopenhauer.

No cap. IV (pp. 107-164) trata de Antropologia e Naturalismo e vários autores, entre os quais Darwin. No cap. VI trata de “*La Historiografía en Alemania*” (pp. 207-242).

Em “*À Janela do Ocidente*”<sup>[31]</sup>, composição datada de maio de 1884 e carregada de cepticismo, já o influxo de Schopenhauer é mais perceptível. O próprio extracto de Shakespeare, Hamlet, acto 3º, cena 1º:

“... *To die, to sleep;*  
*To sleep! Perchance to dream; ay there*  
*is the rub*”

colocado à frente da poesia a afirmação de que “*a Dor (...) é a única verdade*”; o modo de encarar a vida como “*tragédia horrível da existencial que a morte comanda as hostes aguerridas*”, considerando-a “*uma ilusão*” repassada de tantas “*ilusões*” tais como a frustração dos melhores ideais (“*A Eterna Aspiração batida a cada instante*”), a enganosa confiança no coração humano:

*“Vamo-nos debruçar, apenas um instante,*

*Neste abismo chamado coração humano...*

*Mergulhemos o olhar... o egoísmo triunfante*

*Paira como um condor neste revolto oceano!”;*

*“a ilusão” da Crença (“O crente é um sonhador, o ateu é um insensato!”), a ingénua expectativa dum futuro melhor ou duma felicidade ultra-terrena:*

*“Ingénuos que esperais a aurora do futuro*

*Do vasto céu azul no côncavo estrelado*  
*Já não existe Deus nem Glória além da morte...”;*

*e a ilusória suficiência do próprio saber filosófico e científico do mártir pensamento”:*

*“De que valem, disse, tantas filosofias,*  
*Tremendo labirinto onde não há saída?”*

*“E a ciência o que deixou ao pária, ao desgraçado?”:*

Tudo isto nos faz lembrar o espírito e a própria letra de Schopenhauer, que Feijó conhecia pela

[28] A. FEIJÓ, OB. CIT., P. 417.

[29] A. FEIJÓ, OB. CIT., P. 13.

[30] A. FEIJÓ, OB. CIT., P. 16.

[31] A. FEIJÓ, OB. CIT., PP. 121-125.

A. FERREIRA, OB. CIT., P. 27, ONDE DIZ “MERGULHADO NOS ABISMOS DO PENSAMENTO, FEIJÓ NA SUA JUVENTUDE ACADÉMICA, CONVÉM REPETI-LO, É MAIS UM FILÓSOFO DO QUE UM POETA...”.

tradução francesa de Bourdeau.<sup>[32]</sup> Há ainda na poesia “*À janela do Ocidente*” uma quadra que é também de ter em conta:

“E, ó suprema irrisão! a glória, esta quimera,  
Se da Morte nos rouba aos truculentos braços,  
É preciso lançar-lhe às fauces de pantera  
O coração desfeito em rubros estilhaços!...”

Que faz lembrar toda esta linguagem senão um positivismo pessimista acerca da penosa busca da glória que não passa, afinal, de uma “sombra”?

Em 1885, Feijó publicou oito quadras, sob o título, *Velha Canção*, onde o poeta, depois de cantar os amores e alegrias da juventude, que tanta saudade e ilusão deixam. Também conclui pessimisticamente:

“.....  
É feliz o que morre antes do Outono  
Sem ter visto dispersas pelo chão,  
Ao limiar do derradeiro sono,  
As pétalas azuis duma ilusão.

*Por isso eu te amo, oh minha flor, meu norte!*

*Porque nesta paixão que nos fascina,  
Como gémea do Amor penso que a Morte  
Um para o outro os corações inclina!...”*<sup>[33]</sup>

A. Feijó, no “*Hino à Vida*” volta a relacionar o amor e a morte: “*Trazendo o Amor e a Morte a servir-te de escolta*”<sup>[34]</sup>

Esta atitude de juntar ideias de morte e de amor não é facto esporádico no séc. XIX, sobretudo, entre poetas de mentalidade pessimística. Vejamos alguns casos: em França, a poetisa Louise Ackerman nas “*Poésies Philosophiques*” inseriu uma intitulada “*L’amour et la mort*”; em Portugal, em Antero de Quental, é também frequente encontrar-se tal atitude.<sup>[35]</sup>

A influência de Schopenhauer ainda nos é revelada, pelo menos em duas cartas, redigidas a seu irmão José, quando desempenhava funções diplomáticas no Brasil: “... *Pois o Julinho casou? Como esses meninos me envergonham a mim que já estou quase solteiro! No entanto, Deus me conserve assim muito tempo e todos havemos mister*”. “... *Digo-te apenas que é uma terra onde não há mulheres feias. Todas formosíssimas! Se aqui me demorasse uns meses, apesar das minhas teorias solteiráticas, teria por força de cair na tolice do matrimónio*”.<sup>[36]</sup>

Especialmente, por estes dois breves textos epistolográficos se pode concluir a presença, na mente de Feijó, de ideias antimatrimoniais, presença que não é de estranhar em quem, como ele, se tinha familiarizado com o pessimismo de Schopenhauer: “*O amor é um grande culpado porque, transmitindo a vida, immortaliza o sofrimento; as mulheres são as cúmplices deste pérfido génio da espécie*”; “*se eu me felicite de alguma coisa, é de ter descobrido a tempo a armadilha da natureza;*

“

*Esta atitude de juntar ideias de morte e de amor não é facto esporádico no séc. XIX, sobretudo, entre poetas de mentalidade pessimística.*

”

[32] A. FEIJÓ, OB. CIT., P. 16.

[33] A ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA, II, Nº 5, 1885, P. 7.

[34] A. FEIJÓ, OB. CIT., P. 375.

[35] L. ACKERMAN, POÉSIES PHILOSOPHIQUES, PARIS, 1885, PP. 81-89. ANTERO DE QUINTAL, PRIMAVERAS ROMÂNTICAS, ED. A. SÉRGIO, LISBOA, 1943, P. 167, 170.

ANTERO DE QUINTAL, SONETOS, ED. O. MARTINS, 1890, PP. 80, 104.

[36] F. TEIXEIRA DE QUEIROZ, OB. CIT., PP. 119, 130.

[37] SCHOPENHAUER, AMOR MULHERES E CASAMENTO, 7ª SÉRIEM Nº27, BRASIL, 1889.

[38] A. FEIJÓ, OB. CIT., P. 121.

[39] A. FEIJÓ, OB. CIT., PP. 234-235.

[40] A. FEIJÓ, OB. CIT., PP. 238-239.

[41] F. TEIXEIRA DE QUEIROZ, OB. CIT., PP. 125, 127, 129.

*eis porque me não casei”; “o ma-  
trimónio é uma cilada que a natu-  
reza nos trama”*<sup>[37]</sup>

Isto leva-nos a assinalar, desde já, o pendor fortemente pessimístico que predominou em Feijó, desde 1878, altura em que escrevendo o prefácio das “*Transfigurações*” onde se confessa influenciado pelo pessimismo alemão e italia-  
no, até à Janela do Ocidente, Ilha dos Amores, Hino à Vida, Hino À Dor, Sol de Inverno em que domina a ideia de dor e da ilusão à vida.

Não há dúvida que Feijó, acicatado pelos reveses da existência e pelo manuseio de escritos filosóficos, alguma vez tenha posto à sua inteligência e problema da vida. Temos sinais claros e abundantes nas estâncias de “*À Janela do Ocidente*” onde nem sequer falta a *própria integração problemática: “em que consiste a vida?” e onde cisma com o problema obscuro da existência – questão suprema – cuja “solução” ... “bate contra um rochedo inóspito – a Loucura”*.<sup>[38]</sup> Vem a propósito citar alguns versos da “*Ilha dos Amores*”:

“... A existência

É o cárcere onde geme a nossa alma escrava,

E sobre mim perpassa um vento de demência...”

“*Esvai-se-me a razão nas sombras do problema!*

*Pois quê! mesmo a Beleza, essa ilusão suprema,*

*É isto unicamente, a máscara do nada?*

*Eu próprio, o que sou eu? Chama quase apagada...*

*Mas instintivamente a meu lábio estremece*

*Num murmúrio, nem sei se de blasfémia ou prece”*.<sup>[39]</sup>

“*Sou daqueles que passam a existência Sofrendo imaginários pesadelos... Quantas vezes os dedos da Demência Têm desgrenhado os meus cabelos! Mas... sei ler e contar. Fiz estudos às largas;*

*Li, pensei, meditei... que sei eu do que existe?*

*Dos livros só tirei desilusões amargas, E das contas que fiz... desigualdade triste.*

*A montanha da vida às cegas escalando, Se ao vértice cheguei, que posso concluir?*

*Nasci, não sei porquê, e à toa caminhando,*

*Ignoro onde me leva o incógnito porvir...”*<sup>[40]</sup>

Para quem restar dúvidas acerca do pessimismo de A. Feijó, ainda podemos recordar outras passagens epistolográficas: “*Vive aborrecidíssimo*”; “*De saúde também não tenho passado bem, posto que o meu mal seja mais do espírito do que do corpo*”. “*várias apoquentações e contínuas preocupações têm-me torturado bastante o espírito e enfraquecido o corpo a ponto de me achar – não te espantes! quasi anémico!*”<sup>[41]</sup>

Trata-se de um pessimismo que brotou e se alimentou, não apenas de contrariedades e de males físicos suportados por uma compleição delicada, mas, sobretudo, da tortura cética duma inteligência que, levada pelas conjecturas

da existência a interrogar-se sobre o magno problema da vida, não lhe encontrou solução. Deste pessimismo nunca mais se libertou, como revela o “*Hino à vida*”, composição da última fase, publicada já depois da sua morte. Nesta composição, depois de acentuar que a vida é um “*enigma profundo*”; “*um mistério*”, “*um segredo*” que “*mais obscuro se faz quanto mais o investigo*”, conclui:<sup>[42]</sup>

“- A solução que importa? O que é grande é o problema!...”

É ainda de recordar uma carta a Júlio de Lemos, onde em tom de conselho, afirma: “*lembre-se que tudo é vaidade, mesmo o Amor, mesmo servir a Deus! Despreze os sucessos fáceis, ponha na sua pena toda a sinceridade do seu temperamento e sem preocupações de modernismo*”.<sup>[43]</sup>

É certo que, por palavras, Feijó não desprezou explícita e radicalmente a vida senão quando lhe chamou “*este pecado*”.<sup>[44]</sup>

Mas fez mais do que isso porque chegou a pensar em desprezá-la por obras, destruindo-a, em si mesmo, pelo suicídio.

### 3. O Positivismo em A. Feijó

Para além da propaganda dos professores F. A. Correia Barata e M. Emídio Garcia, do ambiente da tertúlia universitária a que Feijó pertenceu, dos textos de autores positivistas a encimar muitas

das suas poesias e das referências de outros autores a confirmar as influências positivistas em A. Feijó, não conhecemos outro texto senão o do prefácio Das “*Transfigurações*”, onde Feijó declara abertamente haver recebido influências das “*doutrinas largamente proclamadas de Augusto Comte e Herbert Spencer*”<sup>[45]</sup>

Esta é a parte para a qual encontramos maior escassez de dados bibliográficos. Estamos convencidos que as Cartas de A. Feijó ao seu grande amigo Luís Magalhães (cremos existirem na Quinta do Mosteiro em Moreira da Maia) e até mesmo ao seu amigo Vicente Pindela, Conde de Arnoso e, como ele também na representação diplomática, seriam um vantajoso auxílio para o desenvolvimento deste tema, já que o próprio Luís de Magalhães é também falado por Álvaro Ribeiro em “Os Positivistas”; “*Depois de Manuel Emídio Garcia, o mais ilustre positivista português foi Júlio de Matos que tem o seu nome ligado à revista ‘O Positivismo’ que dirigiu com Teófilo Braga, durante os anos de 1878 a 1882...*” “*Tem particular interesse, para a história da cultura portuguesa, a crítica dos livros de Oliveira Martins (...) por Júlio de Matos e Teófilo Braga. Foram também criticados livros de Consiglieri Pedroso, Júlio de Matos, Teixeira Bastos, Teófilo Braga, Alexandre da Conceição, Luís de Magalhães, Joaquim Araújo e Barros Seixas. Em outras secções a revista apresentava noticiário abundante de movimento positivista no estrangeiro*”.<sup>[46]</sup>

[42] A. FEIJÓ, OB. CIT., PP. 374-376.

[43] JÚLIO DE LEMOS, ALMANAQUE DE PONTE DO LIMA, X, 1924, PP. 177-178.

[44] A. FEIJÓ, OB. CIT., P. 374.

[45] A. FEIJÓ, OB. CIT., P. 11.

Logo no início da poesia ‘*Esfinge Eterna*’, encontra-se o seguinte texto de Littré:

*“Ce qui est au delà du savoir positif, soit, matériellement, le fond de l’espace sans borne, soit, intellectuellement, l’enchaînement des causes sans terme, est inaccessible à l’esprit humain. Mais inaccessible ne veut pas dire nul ou non existent.*

*C’est un océan qui vient batter notre rive, et pour lequel nous n’avons ni barque ni voile, mais dont la claire vision est aussi salutaire que formidable”.*<sup>[471]</sup>

Embora não se encontre a indicação exacta da proveniência do texto, talvez possa concluir-se que a fonte utilizada foi o “*Preface d’un Disciple*”, escrito por Littré em 1864, para a reedição do “*Cours de Philosophie Positive*” de A. Comte; visto que, nesse prefácio, encontra-se tal qual o passo de Littré, incluindo mesmo o período que A. Feijó substituiu por pontos. Isto leva a concluir que Feijó utilizou o “*Cours de Philosophie Positive*” de A. Comte e que o positivismo de Feijó tinha um carácter independente como o de Littré. Aliás, isto está dentro do espírito de independência dos jovens universitários da época, conforme foi referido na primeira parte deste trabalho, e está também de acordo com a posição dos três grandes

propagandistas do positivismo em Portugal: M. Emídio Garcia, T. Braga e Júlio de Matos, sendo estes dois últimos co-directores da revista O Positivismo.

Este espírito de independência não é a mesma coisa que fala de modestia nas expressões. É próprio até de Comte e Littré afirmarem a inacessibilidade das últimas causas: “*Dans l’état positif, l’esprit humain, reconnaissant l’impossibilité d’obtenir des notions absolues, renonce à chercher l’origine et la destination de l’univers, et à connaître les causes intimes des phénomènes*”; “*le caractère fondamental de la philosophie positive est de regarder tous les phénomènes comme assujettis à des lois (...), en considérant comme absolument inaccessible et vide de sens pour nous la recherche de ce qu’on appelle les causes, soit premières, soit finales*”.<sup>[481]</sup> “*La philosophie positive est la seule qui se seumette à la condition laisser en dehors d’elle, l’origine et la fin des choses. En cette abstention que les autres lui reprochent comme faiblesse de Coeur et lâcheté intelligence, elle met sa principale lettre de créance et son titre essentiel de gloire*”.

Não há, portanto, nem em Comte nem em Littré a afirmação de Deus como fim último do universo. Antes, pelo contrário, levaram o seu programa de substituição de Deus pelo homem até este ponto: no intuito de acabar de vez com o teísmo (com o catolicismo, sobretudo), concebeu uma nova “*religião*” que fosse não Jesus e a teo-

[461] ÁLVARO RIBEIRO, OB. CIT., PP.87-88.

[471] A. FEIJÓ, OB. CIT., P. 24.

[481] REVISTA, O POSITIVISMO, (1878-1882), PP. 1-15, 157.

logia, mas antes, precisamente, a “religião da humanidade”.

No entanto, Littré, tendo aderido ao positivismo de Comte, sobretudo, na organização “religiosa”, veio, depois, limitar-se a um positivismo puro: “*J’embraissai il y a vingt-six au vingt-sept ans avec une grande ardeur la conception de Comte, faisant de l’idée de l’humanité le centre d’un ordre moral qu’il appela religion...*” “*L’evidence de la doctrine positive n’a souffert en mon esprit aucun amoindrissement*” (...) “*Puis j’y puis une vive impulsion pour l’action philosophique*” (...) “*Ce dire du philosophe athénien n’est point en discordance avec les tendances religieuses de Comte, si on les distingue des formes hypothétiques dont il les a revêtues*” ... “*Mon intention n’est pas de faire un parallèle...*”<sup>[49]</sup>.

Se folhearmos seus escritos, vemos que Feijó referia-se insistentemente, aos problemas das primeiras origens e dos últimos fins:

*“Se para nós não surge o esplendoroso Abril,  
Não há para nós eternas primaveras...”*  
*“Se procuro saber que força incoercível,  
Que prodigioso Ser, que Espírito inflexível  
Num ímpeto arrancou do caos o Universo;  
Se procuro saber que gênio anda disperso  
Na grande solidão da azúlea curvidade;  
Se pergunto: - Quem foi que deu à imensidade  
O lampejo dos sois e das constelações  
Cravadas no infinito? – As mil revoluções  
Dos astros imortais na órbita gigante,*

*Quem foi que as regulou no seu girar constante?”*

*“Se ousares perguntar: - Quem arrancou o mundo*

*Do caos primitivo horrível e fecundo?*

*Quem foi que deu as leis que regem a matéria*

*E os astros dissipou pela amplidão etérea?”*<sup>[50]</sup>

Mesmo no último período da sua existência pensava sobre estas questões conforme nos mostra o “Hino à Vida”:

*“Foi porventura o sol, da espuma duma vaga,*

*Ou Deus que te criou duma essência divina?”*<sup>[51]</sup>

Para além dos problemas postos, interessa tanto ou mais o método utilizado na busca das respetivas soluções. No campo da Filosofia, não faltam problemas e, às vezes, muito bem-postos, mas falsamente resolvidos por deficiência de método. Ora, é neste contexto que pretendemos formular a pergunta: que método seguiu Feijó no debate que se travava na sua inteligência? Ele afirmou que uma vez era influenciado por Comte e Littré, conforme já referimos. Outros escritores, como João Gaspar Simões, Hernâni Cidade, António Ferreira... confirmam.<sup>[52]</sup>

Quer tenha tido ou não conhecimento direto das obras de Comte, não lhe seria estranho o apreço em que este filósofo tinha o “*método histórico*”: “*La comparaison historique des divers états consécutifs de l’humanité ne cons-*

[49] E. LITTRÉ, *CONSERVATION RÉVOLUTION ET POSITIVISME*, PARIS, 1879, PP. 410-416.

[50] A. FEIJÓ, OB. CIT., PP. 14, 26 E 28.

[51] A. FEIJÓ, OB. CIT., PP. 374-376.

[52] JOÃO GASPAR SIMÕES, *HISTÓRIA DA POESIA PORTUGUESA DO SÉC. XX*, PP. 49-53. HERNÂNI CIDADE, IN *HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA DO SÉC. XIX A XX* DE ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO, P. 329.

[53] A. COMTE, *COURS DE PHILOSOPHIE POSITIVE*, IV, 3ª ED., PARIS, 1868, P. 322.

[54] A. FEIJÓ, OB. CIT., P. 25.

[55] E. LITTRÉ, PRÉFACE D’UN DISCIPLE, IN *COURS DE PHILOSOPHIE POSITIVE* DE A. COMTE, I, PARIS, 3ª ED., PP. XVI-XVII.

“  
 (...) *que método seguiu Feijó  
 no debate que se travava na  
 sua inteligência?*  
”

*titue pas seulement le principal  
artifice scientifique de la nou-  
velle philosophie politique: son  
développement rationel formera  
directement aussi le fond même  
de la science, en ce qu'elle pour-  
ra offrir de plus caractéristique  
à tous égards”<sup>[53]</sup>; visto que tam-  
bém o poeta-filósofo pretendendo  
dar ouvidos à “voz da História”,  
proclama a insuficiência dos ensi-  
namentos oferecidos pela contem-  
plação do “grande livro aberto da  
Natureza” e pelo manuseio da Sa-  
grada Escritura:*

*“Não basta contemplar a abóbada  
infinita,  
Não basta unicamente ouvir dizer que  
Deus  
Habita na região vastíssima dos céus.  
Não basta compulsar os livros de  
Moisés,  
Nem olhar como um crente os astros e  
as marés,  
Ou saber que Israel passara o Mar  
Vermelho.  
Não é suficiente a letra do  
Evangelho...”<sup>[54]</sup>*

Pelo que se vê que também deve  
ter lido de Littré esta directiva  
metodológica: “*J’ai donne depuis  
long-temps cherché un thermo-  
nrière que je puisse, fisant les de-  
grés, consulter sur les opinions  
que j’ai embrassé. A mon sens, je  
l’ai trouvé en cette double échel-  
le qui montre, dans l’histoire de  
l’humanité, la décroissance du  
surnaturel et la croissance du na-  
turel, la décroissance des notions  
subjectives et la croissance des  
notions objectives, la décroissan-*

*ce du droit divin et la croissance  
du droit populaire...”<sup>[55]</sup>*

Os caracteres mais salientes com  
que a História Humana se apresen-  
ta a A. Feijó, quando este a inter-  
roga acerca das primeiras origens  
e dos últimos fins são os seguintes:  
**A.** Diversidade de concepções acerca  
da causa primeira do universo:

*“Para te responder, sinistros e velozes  
Na grande confusão dos gritos e das  
vozes-  
Os índios bradarão, num gesto  
reverente,  
Que o eterno criador foi Brahma  
omnipotente;  
Na China hão-de clamar que foi a luz  
do sol...  
E em toda a parte e sempre, o árabe e o  
mongol,  
No Egipto e no Japão, selvagens e  
judeus,  
Cada um há-de bradar por seu diverso  
Deus!”*

#### **B.** Conflitos religiosos:

*“Andam as religiões em contínua luta.  
A fé encheu na Grécia a taça da cicuta,  
Alevantou a cruz no cimo do Calvário,  
E no doido furor de monstro  
sanguinário,  
Para abafar a voz da ciência que tropeja,  
Encerrou Galileu nos cárceres da igreja;  
E como um sacrifício ao Deus sombrio  
e fero  
Mandou queimar João Huss e  
excomungou Lutero!”*

#### **C.** Declínio das crenças religiosas:

*“A Trindade cristã, o Ser Supremo,  
Allah,*

São ficções que a razão de todo expulsará  
Como Júpiter, Zeus, Cibele e Saturno  
Nas sombras do passado imergem a seu turno.

O Olimpo está deserto; os deuses exilados

Andaram-se a exibir na rampa dos tablados.

A razão que salvou a humanidade escrava

Envolveu Jehovah na sua ardente lava,  
E extinguiu para sempre a treva –  
preconceito!

Hoje ninguém receia o dia do juízo,  
Que os deuses, como vês, são todos verdadeiros

Como os heróis de Homero, os ínclitos guerreiros...

E como os furacões

O tempo, que destrói as crenças e as nações!<sup>[56]</sup>

Ora deve ser a este declínio, segundo cremos, que Littré já se havia referido ao falar de “*la décroissance du surnaturel...*”

Ainda será oportuno, a fim de clarificar um pouco mais o método que Feijó terá seguido no debate que se travara na sua inteligência, formular nova pergunta: Qual a resposta que a “voz da História” poderá ter dado a Feijó?

“... - Poeta!

Debalde atingirás a ambicionada meta.  
Jamais encontrarás a solução que buscas.

Nessa batalha infinita a inteligência ofuscas

Sem que vejas fulgir a lua da Verdade.

Nunca dissiparás as trevas que te somem

A vasta solução em que de há muito cismas,

Em que a tua razão e a inteligência abismas”<sup>[57]</sup>

Esta resposta não terá sido influenciada por Littré, quando este afirma: “*En démontrant que l’histoire ou civilization est une évolution qui commence par les états les plus élémentaires pour parvenir aux plus compliqués elle (= la sociologie) apacé les religions et les métaphysiques sous la condition commune des conceptions humaines, c’est-à-dire sont la condition d’être des fruits de certaines saisons sociales, sans rien qui les distingue du reste origine et comme destination*”<sup>[58]</sup>

#### 4. Conclusão

Em primeiro lugar, é de ter em conta que o pessimismo de Feijó, embora dependente de certas amarguras pessoais, ultrapassou as dimensões poéticas. Encontram-se, pelo, menos indícios de uma conceção subjacente que não diz respeito só ao caso individual do poeta, mas é suficientemente geral no seu alcance e profunda nos seus problemas para se poder chamar filosófica.

As suas preocupações intelectuais acerca do problema da vida, põem fora de dúvida que Feijó se tenha esforçado por encontrar uma metafísica. E esta observação basta

“

As suas preocupações intelectuais acerca do problema da vida, põem fora de dúvida que Feijó se tenha esforçado por encontrar uma metafísica. E esta observação basta para que se possa atribuir carácter filosófico às reflexões de que brotaram muitos dos seus escritos.

”

para que se possa atribuir carácter filosófico às reflexões de que brotaram muitos dos seus escritos.

Em segundo lugar, surge a questão: sendo poeta, que espécie de filosofia seria a sua?

É evidente que é necessário distinguir a atitude simplesmente poética da verdadeiramente filosófica. O poeta pode contentar-se apenas com imagens belas, com aquela linguagem mais ou menos vaga em que ele, mais ou menos alheio a contexturas doutrinárias, pretende pôr a sua imaginação e a sua afetividade em contacto com a dos leitores. Temos então o realismo (ou positivismo) dos poetas, o qual não merece ser examinado pela razão do filósofo (mas à literatura), porque o poeta, nesse caso, não pretende falar à razão nem usar linguagem adaptada à mesma.

Mas também pode exteriorizar, (não apenas satisfazendo o sentimento com imagens belas, usando uma linguagem mais ou menos vaga e alheia a contexturas doutrinárias) impondo-se perante a razão e alimentando-a com doutrina mais ou menos coerente.

Aqueles entusiásticos arroubos com que exalta o progresso, a enfática linguagem com que exprime o seu racionalismo e a férvida “adoração” que tributa à “Natureza – Mãe” levam-nos a concluir que na sua poesia se encontra um positivismo ainda que, por razões já referidas, de saber pessimista. Mais: tudo o que há de poético no seu positivismo está como que embebido numa conceção filosófi-

ca mais ou menos planeada e exposta num teor que, pelo facto de ser poético, não deixa de ser doutrinário. Isto foi-nos possível antever, sem forçar os textos, através de uma diligente prospeção bibliográfica.

Evidentemente que seria descabida, segundo a nossa maneira de ver, e já que há muito de poético na sua intenção, esperar de Feijó um nível filosófico-positivista comparável, por exemplo, ao das prosas de Comte, de Littré ou de outros semelhantes. Além disso, há que ter em conta as limitações que as próprias ideologias positivistas impõem a si mesmas de se reduzirem à condição de uma voluntária pobreza metafísica.

Feijó referiu-se, como vimos, ao progresso humano, às conquistas da razão. Mas a filosofia do progresso será a que nos mostrar a natureza íntima do sujeito que progride, bem como a origem última e o último fim do movimento a que se chama progresso; aquela que, de harmonia com tal natureza, tal origem e tal fim, nos mostrar também o sentido ou direcção que esse movimento há-de ter, para ser um verdadeiro avanço em ordem ao fim conveniente à dita natureza (progresso, do latim, “progressus”, significa avanço, marcha para a frente); aquela, enfim, que nos der até a explicação profunda dos desvios, reais ou possíveis, opostos à consecução do fim último. A riqueza ou pobreza duma filosofia de progresso há-de, pois, aferir-se pela atenção que tal filosofia presta ou não a es-

[561] A. FEIJÓ, OB. CIT., PP. 28, 25, 28-29.

[571] A. FEIJÓ, OB. CIT., PP. 27-28.

[581] REVISTA, O POSITIVISMO, I, (1878-1882), P.156.

tes graves problemas e pela acertada ou desacertada solução que lhes der.

Ora, na versificação filosófica de A. Feijó, quanto ao homem, sujeito do progresso, há que registar a indecisão numa linguagem que oscila na resposta a questões como estas: a alma humana existe? Poderemos saber algo da sua essência?

Do mesmo modo encontramos variações relativas ao problema das origens e dos fins.

Em face de tudo quanto observamos, é lícito, perguntar: será admissível este sentido racionalista do progresso? Ter-se-á de considerar como obstáculo ou desvio de verdadeiro progresso tudo o que de algum modo repugna à sobredita posição racionalista? E, se tal posição se revela instável, como no caso de Feijó, não será porque tem como ponto de partida um preconceito instável acerca da razão, das suas reais capacidades, dos seus recursos e dos seus limites?

Só uma resposta cabal a estas perguntas nos daria uma explicação da instabilidade ou “hesitação” do pensamento filosófico de A. Feijó<sup>[59]</sup>. Poderá servir de tema para um estudo mais demorado e tão exaustivo quanto possível acerca do que, na realidade, foi o poeta-filósofo.

Como Antero, Junqueiro ou Teixeira de Pascoais também Feijó é um homem de corpo inteiro do seu tempo e das suas circunstâncias, um homem que conhece o mundo, que se debruça racionalmente sobre os problemas do universo e

do homem, com toda a envolvente experimentalista e científica da época.

O seu pendor para as letras e para a poesia, a par da partilha do quadro mental positivista do seu tempo, profundamente coimbrão se pensarmos em Antero, Teófilo Braga ou mesmo Teixeira Bastos, com as influências vivas e vividas pela Geração de 70 ou dos Vencidos da vida, dando braço à progressista Paris e Europa, ajudam a completar o quadro mental em que Feijó se desenvolveu pessoal e profissionalmente, exalando sentimentos próximos dos teorizadores do positivismo, do pessimismo existencial de Schopenhauer e Kierkegaard e mesmo de Nietzsche, roçando o vazio existencial e a falta de sentido para a existência. As conquistas da ciência e a “Morte de Deus” da sociedade moderna dão o mote final para a sua angústia e niilismo, o recurso ao suicídio por vezes e a ausência total de sentido para a vida.

A linguagem de Feijó não é a prosa reflexiva mas antes o sentimento prolixo mas obstinado do ditirambo e do homem que caminha só e triste, sem esperança, comportamento por nós bem conhecido em muitos intelectuais do fim do século XIX e primeiras décadas do século passado. Só a poesia exala estes laivos, periódicos, temporários, recorrentes mas balsâmicos e cicatrizantes.

Por isso e, como acima foi dito, temos um poeta na galeria dos maiores do seu tempo, recostado sempre no pensamento positivista,

incapaz de se refugiar na tradição criacionista e na tranquilidade divina da harmonia e sublimação cronológica, versando sempre os humores da sua intimidade profunda no desconcerto universal que não tem princípio, lógica e explicação plausível, senão pelo caleidoscópio dos cânones positivistas e das leis básicas dos três estados (teológico, metafísico e positivo).

Temos um poeta de uma dimensão universal, do seu e do nosso tempo, anunciando já vozes que na Europa aparecerão mais tarde, depois das guerras e do desespero, do pessimismo e da falta de sentido para a existência humana, bem próximo de Kierkegaard e poetas desesperados que só vêm no surrealismo, pelo absurdo, a resolução prática, através da pintura, música ou literatura, para os seus conflitos abertos em relação ao Mundo, aos valores estabelecidos e ao sentido da própria existência.

[59] F. TEIXEIRA DE QUEIROZ, *EGREGII POETAE PIE MANIBUS* (CONFERÊNCIA), PONTE DO LIMA, 1959, P.13.

## ANTÓNIO FEIJÓ (1859-1917)

- **1859** · 1 DE JUNHO – Nasce ANTÓNIO Joaquim de Castro FEIJÓ. Feitos os estudos liceais em Braga.
- **1877** – Matricula-se na Universidade de Coimbra.
- **1881** – Estreia-se literariamente com o poema épico-lírico *Sacerdos Magnus*, seu contributo para o terceiro centenário de Camões.
- **1882** – Publica o seu primeiro livro de poesias *Transfigurações*.
- **1882** – Forma-se em Direito. Mas porque «com os autos se não entende» faz concurso à carreira diplomática.
- **1884** – Publica *Líricas e Bucólicas*. Poesias.
- **1885** – Publica *À Janela do Ocidente*. Poesias.
- **1885** – É nomeado cônsul em Rio Grande do Sul, depois de Pernambuco e Recife, no Brasil, onde foi distinguido pela Academia Brasileira de Letras, tendo sido admitido como sócio.
- **1890** – Publica *Cancioneiro Chinês*. Poesias.
- **1891** – É nomeado Cônsul Geral na Escandinávia e mais tarde Ministro Plenipotenciário, cargo que desempenhou até à morte.
- **1897** – Publica *Ilha dos Amores*. Poesias.
- **1900** · 24 DE SETEMBRO – Casa com Maria Luísa Cármen Mercedes Joana Lewin, nascida em Paris em 1878. Tem dois filhos: o António Nicolau e a Joana.
- **1907** – Publica *Bailatas*. Poesias.
- **1915** · 21 DE SETEMBRO – Morre-lhe a esposa em Estocolmo, sendo aí sepultada num cemitério católico.
- **1917** · 20 DE JUNHO – Morre e é sepultado também em Estocolmo António Feijó, com 58 anos.
- **1922** – É publicado *Sol de Inverno*. Poesias. Póstumo.
- **1922** – Constituem-se em Lisboa, Porto, Viana do Castelo e Ponte de Lima, Comissões com o fim de se levantar um monumento ao Poeta, na sua terra natal.
- **1926** – É publicado *Novas Bailatas*. Poesias. Póstumo. – Há uma edição bastante antiga das *Poesias Completas* de António Feijó, que inclui todos os livros de poesia do Poeta. É uma edição da Liv. Bertrand, Lisboa, sem data e patrocinada pelos seus «amigos e admiradores» e pela Câmara Municipal de Ponte de Lima.
- **1927** · 15 DE OUTUBRO – Reúnem-se em Lisboa os «amigos e admiradores» de Feijó e deliberam fazer todos os esforços por conseguir a transladação dos restos mortais do casal Feijó para Ponte de Lima.
- **1927** · 11 DE NOVEMBRO – Chegam a Lisboa, a bordo do navio de guerra sueco FYLGIA, os restos mortais.
- **1927** · 12 DE NOVEMBRO – Chegam a Ponte de Lima os restos mortais que são sepultados no cemitério desta vila.
- **1927** · 12 DE NOVEMBRO À TARDE – É lançada a primeira pedra para o monumento a erigir ao Poeta.
- **1938** · 1 DE JUNHO – Com o busto da autoria do escultor Teixeira Lopes, é inaugurado o monumento que há-de perpetuar a memória daquele limiano que mais amou a sua terra.
- **1959** – A Câmara de Ponte de Lima promove a comemoração do 1º centenário do nascimento.
- **1969** – É escolhido o nome de António Feijó para patrono da nova escola do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário, desta localidade.